



**PORTUGUESE A1 – STANDARD LEVEL – PAPER 1**  
**PORTUGAIS A1 – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1**  
**PORTUGUÉS A1 – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1**

Monday 14 May 2007 (morning)  
Lundi 14 mai 2007 (matin)  
Lunes 14 de mayo de 2007 (mañana)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

---

**INSTRUCTIONS TO CANDIDATES**

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only. It is not compulsory for you to respond directly to the guiding questions provided. However, you may use them if you wish.

**INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS**

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire sur un seul des passages. Le commentaire ne doit pas nécessairement répondre aux questions d'orientation fournies. Vous pouvez toutefois les utiliser si vous le désirez.

**INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS**

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento. No es obligatorio responder directamente a las preguntas que se ofrecen a modo de guía. Sin embargo, puede usarlas si lo desea.

Faça o comentário de **um** dos seguintes textos:

1. (a)

Fátima tinha nessa altura catorze anos, Adília treze. Estavam as duas no sétimo ano, ainda não haviam entrado no longo limbo das reprovações intermináveis. Ainda acreditavam em futuros brilhantes mas já sentiam o peso de Beja a marcar-lhes o passo, a retrain-lhes os dias. Fátima fumava erva de vez em quando, às escondidas. Muita gente fuma, aqui, entendes? Sempre ajuda. Todas as moças que vêm dessas aldeias aí à volta estudar a Beja, como vinha a Mitó, enquanto aqui estão é que fazem a vida delas, fumam, bebem, namoram, em podendo têm que aproveitar, porque, em casa, os pais não as deixam fazer nada. Não estou exagerando, Quim. A Mitó, em Baleizão, nunca podia sair de casa. Só aldrabando. Era o que ela fazia, como faz toda a gente, mas em sendo assim nunca sabemos se estamos livres de levar uma boa surra. Fátima sorria e era um sorriso triste, um dia fugiram as duas de casa. Já lá vão tantos anos, bem uns cinco. E nada mudou.

– Não era para ir a lado nenhum, não era para nada. Ai, era só para ficar fora disto, que andávamos rebentando. Outra vida. Era preciso ter outra vida, entendes? Às vezes fico pensando se o que aqui levamos será mesmo uma vida. A Mitó também costumava dizer isso. Naquela altura, a minha mãe descobriu que eu fumava, e então cada dia era um inferno. Todas as horas havia discussões. Depois chegou o Verão, e começámos, eu e a Adília, pensando em fugir para o Algarve. Íamos arranjando coisas, conservas, cobertores e assim. Éramos para ir com mais uma moça, e o namorado dela, mas afinal teve que ser tudo a correr porque uma das mães descobriu a dispensa onde guardávamos as coisas e desatou aos gritos, aos gritos... Então eu fui a casa da Adília... a Adília estava secando o cabelo, eu cheguei lá e disse-lhe Adília, tem de ser já. Nem pensamos. Era o medo da sova, o susto, aquela coisa de fugir, fugir, fugir...

Pouca roupa enfiada à pressa num saco, batidas do coração mesmo junto da garganta, cinco contos que Fátima tinha em casa, levados numa travessia aflita colada às esquinas. Aquela coisa de fugir, fugir.

– Havia dois miúdos muito estúpidos, de Beja do Alentejo, que é uma aldeia aqui ao pé, que estavam na estrada com as motos. Nós pedimos se nos davam boleia, só para nos tirarem daqui. Eles levaram-nos até Santiago, mas iam com aquela ideia de fazer amor connosco, era só isso que eles queriam, o que levava a Adília até tentou, não foi Adília? Então, em Santiago, aproveitámos quando eles foram ao café, e fugimos.

Fátima fumava o seu terceiro cigarro depois da mini-pizza, tinha os olhos cravados no tampo da mesa. E dizia agora daquela noite passada atrás de um tanque, onde o tempo se ia escoando em lentos quartos de hora marcados um a um pelo relógio da torre, uma noite imensa sobre torrões lavrados. Fátima expirava o fumo e falava da manhã seguinte, em que nem sequer tinham podido lavar a cara. Contava da camionete para Lagos, da fome, e a estranheza por uma liberdade tão pouco usual, quase assustadora. Fátima contava uma história de nervos tensos e sentimentos agitados, sem nunca levantar os olhos, enquanto as lágrimas corriam em duas carreirinhas pelas faces redondas de Adília.

Clara Pinto Correia, *Adeus, Princesa* (adapt.), Portugal (1989)

- De que forma o espaço social é condicionante da acção das jovens?
- Interprete o tom de fatalismo e impotência resignada que perpassa neste texto.
- Que significa a expressão «já sentiam o peso de Beja a marcar-lhes o passo» (l. 3)?
- No domínio formal, saliente os aspectos que considere relevantes, sem esquecer de explicitar o efeito conseguido com o seu emprego.

1. (b)

**UM PASSADO SOFRIDO, UM IRMÃO NUNCA ESQUECIDO**

- Sou teu irmão  
No sangue que se juntou ao teu  
No chicote que a pele nos rasgou;  
Na carne onde a História semeou
- 5 A robustez de um escravo e do trabalho;  
Na raça que nos vendeu o homem  
Duma mesma árvore arrancados.
- Sou teu irmão  
Da terra, nascidos que fomos do ventre d'África
- 10 Que a pele a nascença nos tostou  
Na beleza que nos engrossou nos lábios  
E na carapinha nos penteou;  
Na vida desses corpos malhados de suor  
E pela humilhação sofredamente acariciados.
- 15 Somos irmãos  
Mesmo que num barco o Passado me tenha levado  
Cavando um Atlântico entre nós, embalado no outro;  
Ainda que a distância nos seus braços de séculos  
Nos tenha desabraçado
- 20 E feito da saudade uma lágrima solitária...

Kiluanje Tiny, *Pingos de um Amanhecer Feliz*, São Tomé (2002)

- O que une o sujeito poético aos seus irmãos?
  - De que forma a distância físico-temporal afectou a relação entre o eu poético e os seus irmãos?
  - Que papel desempenha o sofrimento passado no momento presente em que vive o eu lírico?
  - No domínio formal, saliente os aspectos que considere relevantes, sem esquecer de explicitar o efeito conseguido com o seu emprego.
-